



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

22 DE AGOSTO DE 1959  
ANO XVI — N.º 403 — Preço 1\$00

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário  
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

## FACETAS DE UMA VIDA

**E**NSINA o Evangelho que a árvore é uma promessa de frutos e que estes dizem da qualidade da árvore, conforme a sua.  
Uma Professora Primária manda-nos o depoimento que segue. Ora a Mãe de Pai Américo é Avó da «Obra da Rua». E os netos costumam ser extremosos... Quanto não mais, tratando-se desta Avó!  
Por isso, embora um testemunho simples e familiar que não acrescenta notícias inéditas à vida de Pai Américo, nós não hesitamos em dá-lo aqui à estampa, certos de que Ele há-de gostar desta homenagem justíssima a sua Mãe.

### Quem era a Mãe do Padre Américo?

Muito se tem procurado averiguar da vida do saudoso Padre Américo, e parece-me que ainda há muito para dizer.

Apesar de ser muito mais velho que eu, ainda me recordo de o ver elegantemente vestido, quando chegava de África, e quando rapaz, dizem, com a viola a tiracolo, ele que era, bom tocador, e melhor dançador!

Foi companheiro e amigo de meu irmão mais velho, mas havia uma grande amizade e simpatia entre a Mãe dele e a minha.

Quando se falava das beneméritos e actos de abnegação, praticados pelo Padre Américo, minha Mãe dizia sempre: Herdou o coração bondoso da Mãe, que nunca perdia a ocasião de praticar a caridade.

Sempre ouvi minha Mãe, falar com muita admiração e estima, naquela Senhora. Dizia-se, em Galegos, que a Terezinha do Bairro, (assim chamavam à Mãe do Padre Américo) quando um pobre, pela primeira vez lhe batia à porta, se ia sentar junto dele a fazer o seu inquérito.

Como se chamava, donde era, que família tinha, porque mendigava, etc., etc.. Depois se visse que de facto era um necessitado, dizia: Já tenho mais um caseiro.

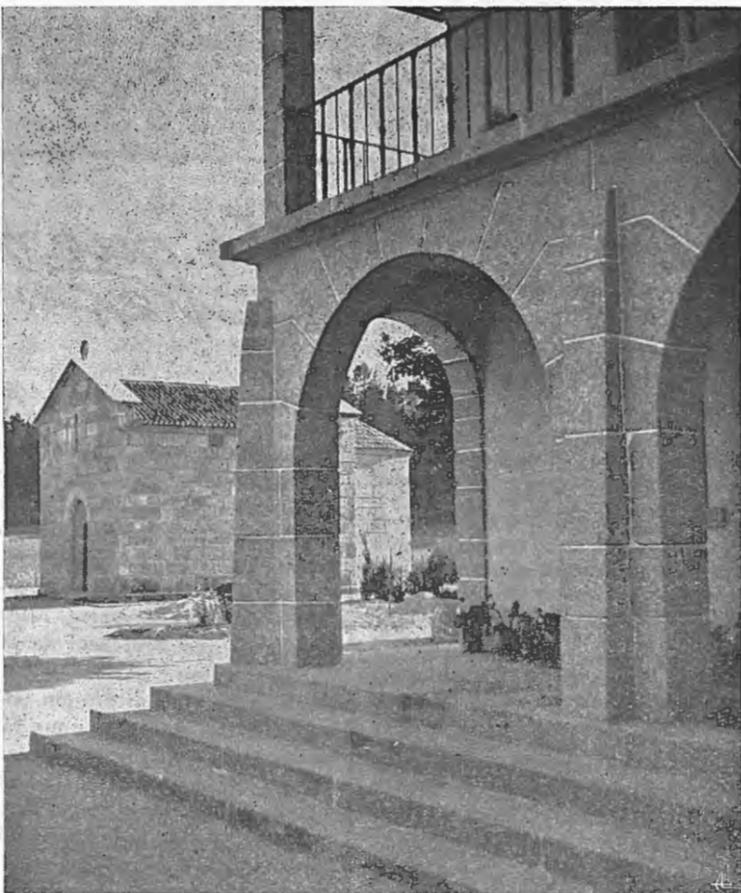
Todos os tarados, andrajosos e esfomeados, iam ter à Casa do Bairro, que lhes dava trabalho conforme às suas anomalias, guarida e pão. Recebiam os desgraçados com um banho, vestiam-nos com roupa lavada, barbeavam-nos, cortavam-lhes o cabelo, davam-lhes uma boa refeição, colocavam-lhes no peito uma grande flor encarnada, e ei-los:

O faminto, o doente, o ladrão, iam passear até ao Cruzeiro. a rapariga transviada, enfim toda a espécie de miserável, encon-

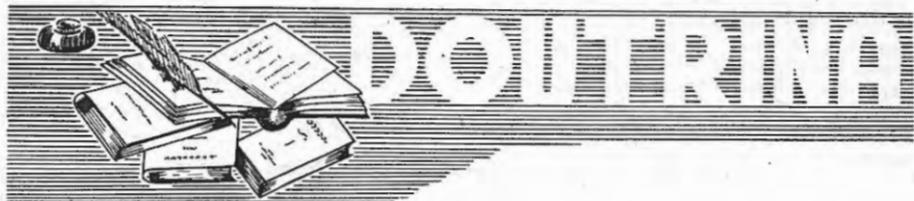
trava na Senhora Terezinha do Bairro, um lenitivo à sua dor, um conforto à sua desgraça. Tinha especial devoção pelo Senhor da Pobreza, imagem que ainda se venera na paróquia de Galegos, de cujo altar era zeladora.

Ora uma Mãe tão cheia de virtudes e qualidades, não admira dar ao mundo um filho, tão bom e caridoso!

Lucília Branco Ribeiro



Aqui Casa do Gaiato de Beire. Voz forte a falar ao mundo. Alicerces postos à prova das mais densas tempestades. Em cada pedra uma voz de Saudade — canção bela, do primado do Amor!



S vezes Padre Manuel António e eu vamos pela quinta dar uma volta. Quase sempre problemas caseiros sobre os quais ele quer colher «in loco» a minha opinião. Sempre oportunidades de eu aprender lições de Bondade e de Justiça.

Outro dia falávamos de umas obras. Eu punha travão, fundado no grande encargo do total equipamento de duas oficinas no Tojal e da renovação dele na Tipografia de Paço de Sousa.

Ele responde: «Sabe?, nunca me lembro do custo da mão de obra! É pão que se dá a ganhar a quem precisa... Não acha que nós temos de pensar assim?!»

Eu fiquei meditando. Em frente, ao fundo da mata, três longos muros de suporte trouxeram aos meus ouvidos palavras de Pai Américo: «Financeiramente considerada, foi a obra mais ruínosa que eu fiz. Mas se ele havia crise de trabalho e os pedreiros precisavam de pão — como podia eu não inventar que fazer?!»

E os muros lá estão. E quase um hectare de terra aproveitada. E uma crise vencida sem angústia numas dezenas de lares. Tampouco o que se lá gastou alguma vez fez falta!

Sim, Padre Manuel tem razão! De resto, Padre Horácio tem feito da mesma sorte, em Miranda. E no Sul, nem tanto, porque o trabalho é mais fácil.

A simplicidade de Padre Manuel fez-me acordar para a falta de visão cristã dos problemas sociais, de quase todos os nossos financeiros e economistas, o qual traz e promete males que a gente não sabe adivinhar.

Põem-se as equações. E, a discussão faz-se geralmente, em função das variáveis eco-

nómicas e financeiras. E nem pelo facto de serem constantes, quase sempre, os factores humanos e das constantes não complicarem os problemas de análise indeterminada — nem por isso, ao menos, eles costumam entrar com alma, senão apenas como parâmetros, indispensáveis, de grandeza monetária.

O Verbo Divino incarnou e fez-Se homem. Os homens estrebucham na sua tendência trágica de desincarnação. No instante em que o Filho de Deus se tornou também Filho do Homem, a humanidade foi ungida n'Ele e por Ele. Nasceu o Humanismo Cristão — uma perspectiva nova que permite ver os homens no Homem e diligencia realizar o Homem nos homens. Estes, porém, na medida em que desumanizam as suas obras, por acção ou por omissão, vejam aquela perspectiva, frustram aquela realização, e, às vezes, até em nome de uma falsa filosofia, desincarnam; que o mesmo é dizer: des cristianizam; que o mesmo é dizer: materializam. Os valores humanos, espirituais de sua

continua na página quatro



## AGORA



AGORA é o tempo das romarias. Por esse país além não há domingo sem várias; e não há delas sem procissão.

Aqui é a Procissão. Não tem tempo próprio. Não espera para sair, nem pelos dias grandes nem pelo bom tempo. Também se lhe não dá que vente ou chova, que os enfeites dos «andores» são tão íntimos que nem a chuva os molha nem o vento os desprende. Os olhos

também os vêem, é certo; mas é a alma quem os percebe e se consola.

Ei-la a sair, uma vez mais. Em primeiro são os de todos os meses, gente silenciosa que nem pede placa, nem informações, nem resposta... nada. Ai aparecem todos os meses — e é tudo!

Como nós não podemos ser muito certos no dar destas notícias e o tempo vai passando, tanto estes como «os das casas a prestações», quase todos aparecem duas vezes.

SEGUE PARA A PAGINA TRÊS

## TOJAL

CONFERÊNCIA — Raras vezes deixamos de manifestar nas nossas palavras e acções um certo desdém para com aqueles que socorremos, desdém que por vezes se torna quase imperceptível. Isto é alguma coisa que se sente e manifesta a consciência que temos da nossa superioridade sobre os pobres que nos rodam e fazem sombra às pompas e embaçam o brilho dos adornos. Afastam-se-os e formulam-se queixas contra eles.

— A prosperidade se converte em orgulho cego! — diz a experiência da vida. — Mas que importa?! — riposteiam os indiferentes à eternidade.

Seriam os pobres o que são, se nós fôssemos o que devíamos ser?

A esta pergunta muita gente reflecte e vê-se disposto a mudar e responde arrependida. Raro sei donde e de quem vêm, os donativos que nos aliviam. Que coisas lindas não trarão! Sei duma criada que mensalmente enxuga as suas lágrimas de alegria com a notazinha que outras tantas limpará confiada no alívio nosso e dos pobres.

Outros por humildade nem se subscrevem. A vossa Fé robustece a nossa. Um desconhecido nosso alegrou-nos com 1.000\$00. Muito obrigado, meu senhor, mas se logo corresse apanhá-lo daria com uma peneira muito rota.

NOVIDADES — Tojal sente-se atarefado com trabalho. Chegou a hora de todos, a começar pelos mais velhos de se empenharem com vontade e força no trabalho mais árduo — a ceifa do trigo. A falta de hábito e má disposição não obstaram a uma alegria e dedicação naqueles dias de responsabilidade comum. Não faltaram as pidades do Alfredo, cantares e anedotas deste e daquele acompanhados duma pinga e boas batatas.

— Grande agitação na malta com vistas ao seu futuro. São as máquinas da carpintaria que chegaram; são as da tipografia a chegarem.

Com que fanfarrone e categoria decidem o seu futuro. — Eu cá quero ser tipógrafo, que aliás, tem muitos pretendentes.

— Sempre pronto às nossas exigências, o Senhor Presidente da Câmara de Loures desvia a energia eléctrica para a montagem das nossas máquinas.

— Senhor Presidente, muito obrigado e aumente a sua força.

— Nem sei como agradecer à Sr.<sup>a</sup> Iris Lonborg Madsen da sua oferta. Os senhores lembram-se dos pedidos que fiz para o football? Pois bem. Estava já desanimado e resolvido não mais pedir para tal. Numa bela tarde destas chega-me a notícia de que o Espanhol houvera trazido uma encomenda contendo três bonitas bolas de couro e uma bomba.

Atendi ao acontecimento e vi que além de tudo aquilo continha a promessa de enviar 22 pares de botas, numa bela carta. Minha Sr.<sup>a</sup> quanto a nós deixamos primeiramente o nosso agradecimento em Deus e depois à Sr.<sup>a</sup> que se completará com o nosso Padre. Muito obrigado e queira Deus que nos possa sempre valer nas horas em que a confiança quase nos falta.

Que bom seria aparecer a oferta duns ténis que tantas vezes vos tenho pedido. Não se esqueçam deles. Treinar com as botas novas seria marcar o prazo para a existência.

VIDA DESPORTIVA — Graças à vontade dos rapazes o nosso grupo está em progresso constante. O que é preciso é boa vontade e o resto vai bem.

No dia 7 do mês findo deslocamos a Almada saindo empatados a uma bola (1-1). Jogo muito fraco para ambas as equipas. O vento era irritante e impróprio para um futebol agradável.

A 14 do mesmo mês retiramos-nos até ao Estádio 1.º de Dezembro em Sintra obtendo magnífico resultado de 4-2 a nosso favor. Aqui, jogamos com vontade e empregamos bom futebol. Chegamos ao intervalo com o resultado feito. No 2.º tempo enquanto os nossos adversários se defendiam desesperadamente, nós numa espécie de tango ganhávamos a bola de um para outro sem interesse de maior os golos.

Dia 28 do referido mês tivemos a visita do Grupo Desp. da Estrela que imerecidamente saíram vencedores por 3-2. Ao intervalo contavam 3-0. Não compreendemos o resultado. Dominámos técnica e territorialmente o nosso adversário. Carregamos em massa constantemente. Desperdiçamos 2 «penaltis». O nosso guarda-redes fez

apenas duas defesas no 2.º tempo. Jogo de nervos.

Paciência, para outra vez tocará a nós. Estamos à espera de grupos. A CASA DO GAIATO é bem fácil de

passarem maravilhosamente, afim destas lhes serem muito proveitosas.

Carlos Manuel Trindade

# PELAS CASAS DO GAIATO



atinar, vós é que não. Queiram-nos conhecer.

As nossas reservas merecem os nossos parabéns pelos bons resultados feitos. Muitos jogos e nenhuma derrota. Assim é que é.

— Diz a Senhora da cozinha que não tem azeite para o comer. Anda a comprá-lo às dezenas de litros por mês. E se está caro! Esses grandes proprietários que não se esqueçam de nós. Vamos lá ver se queremos aliviar a cabeça à Senhora da cozinha.

Zé do Porto

## MIRANDA

Graças a Deus! Muitas graças a Deus!

De mãos erguidas ao Céu e de joelhos, deve ser a nossa atitude, louvando e bendizendo o Pai Celeste pela Sua Misericórdia infinita.

Acabado está mais um ano lectivo e, por isso, aqui está explicada a nossa acção de graças. Primeiro compete-nos agradecer a Deus e só depois aos homens e dar-lhes conta do que se fez.

Sem querermos ferir ninguém, na sua modéstia, temos de expressar a nossa gratidão à dedicação generosa de quantos colaboraram para o bom êxito dos nossos estudos. Está em primeiro lugar a Direcção do Colégio «Pedro Nunes», para quem não há palavras que exprimam o nosso agradecimento, bem como para com todos os Senhores Professores deste mesmo estabelecimento de ensino.

Este ano, o Colégio «Pedro Nunes» foi frequentado por oito dos nossos rapazes enquanto outros três frequentaram a Escola Comercial e um outro, um curso de Francês.

Queremos também agradecer às pessoas que nos enviaram livros de que precisávamos. Este ano foi um regalo estudar por livros novos que os digníssimos autores, a quem pedimos, tiveram a gentileza de nos enviar.

Portanto, só pela amabilidade com que somos tratados, se não fosse por mais nada, sentimos a obrigação de corresponder e felizmente este ano creio que correspondemos se não totalmente, pelo menos quase.

E como certamente gostarão de saber os resultados eles aí vão:

O Chico, que frequentou o 6.º ano de Ciências, transitou ao 7.º; no exame do 5.º ano o Lita dispensou das provas orais às duas secções e eu à secção de Ciências, passando também nas orais a Letras. O António Francisco que para o próximo ano irá entrar no Curso de Enfermagem dispensou também das provas orais do 2.º ano. O Horácio, Dinis e Caneco passaram todos para o 2.º ano e o Cigano encontra-se ainda em Coimbra a acabar os exames de Admissão ao Liceu.

Na Escola Comercial, o Alfredo que se encontra no serviço militar (1.º cabo) passou para o 5.º ano e os outros dois desistiram por doença. Finalmente, o Humberto que frequentou um curso de Francês passou também para o 2.º ano.

Para o próximo ano lectivo, se Deus quiser, teremos o Chico, o Lita e eu na Escola do Magistério Primário; o António Francisco, como já disse na Escola de Enfermagem; os outros continuarão os estudos que têm estado a fazer. É possível que mais alguns se matriculem no Curso Noturno da Escola Comercial.

Como podem ver os estimados leitores é caso para serem dados louvores a Deus e agradecermos muito sinceramente a todos que contribuíram para este êxito, que nos ajudaram a obter tão bons resultados. Por tudo, muito obrigado.

— Visto que presentemente nos encontramos em Miranda a passar as nossas férias, daqui fazemos sinceros votos para que os nossos caros leitores que estejam a passar as suas, as

## LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA: — Cá estou mais uma vez a tratar da vida dos nossos e vossos irmãos necessitados.

Primeiro que tudo peço desculpa por não termos dado notícias dos donativos que nos têm mandado. Concretamente desculpas, pois o espaço do nosso Famoso torna-se cada vez mais pequeno, mas creio que desta sempre será, porque também não queremos que nos digam outra vez e com muita razão: «Envio a quantia do costume, mas gostaria de saber se as anteriores lhes têm sido entregues».

Agora volto à anterior crónica, a qual tratava do caso do chefe de família desempregado. Graças a Deus que por intermédio dos nossos leitores pude ir visitá-lo com algo de material, porque sem este o espiritual não pode dar positivo. Temos de lhes encher primeiro o estômago para depois lhes darmos um pouquinho para as almas.

Em resposta a uma senhora de Lisboa, temos a liberdade de a informar que a morada deste socorrido é na Travessa de Santa Ana, 10-2.º à Sé.

Não se esqueçam pois dos irmãos pobres. Olhem que eles representam Cristo abandonado pela sociedade, o que todos nós sabemos, mas só o saber não chega; é preciso que o ajudemos conforme as nossas possibilidades a levar a Cruz ao Calvário que afinal é ajudá-Lo a levar os nossos pecados.

Olhem que Pai Américo era o receveiro dos pobres e nós somos os seus herdeiros e que boa e tão santa herança ele nos deixou.

A Campanha «Tenha o seu Pobre» tornou-se um pouco mais ampla com os novos componentes, que nos têm enviado os seus donativos e alguns visitado em nossa companhia o seu Pobre. Assim indicamos as moradas dos socorridos de outras, caso eles queiram visitá-los, mesmo sem a nossa presença e ainda os nomes de outros, porque queremos que vejam que não estamos esquecidos.

Para uma Helena indicamos a pobre senhora Leonor, Escadadas dos Guindais, 54-r/c. Assinante 14.305 e anónima 7 de Maio uma família da Rua Fonte Taurina, 46-3.º. D. Maria S. Pinto tem o seu pobre que tanto desejava o qual tem muitos netos, e mora na Rua dos Mercadores, 18-4.º. A senhora Rosa O. Dias é uma pobre inutilizada a qual é socorrida pela senhora Natália A. Coelho de Congo Belga. A senhora Maria Noémia tem a seu cargo uma família constituída por quatro pessoas.

As notícias destes seus pobres ser-lhes-ão dadas mais pormenorizadas conforme pudermos.

Agora alguns donativos que nos enviaram durante os meses findos.

Para o chefe de família desempregado e para podermos melhor socorrer os nossos irmãos pobres de uma Helena 2.000\$; o primeiro ordenado de um dos nossos rapazes — fêria duma semana, 90\$; de Lisboa o Senhor F. V. 100+100+100; do senhor Cruz três vezes 150\$ para o seu pobre. As alunas das turmas 1.º M, 2.º B, 2.º D e 1.º B da Escola Industrial e Comercial de Vila Nova de Gaia, 67\$; da anónima 7 de Maio os vinte habituais; de uma nossa subscriitora, para o seu pobre, 4 vezes 50\$; de Penafiel, 100\$. Depois para uma doente do Barredo 20\$; para o mesmo local algumas roupas. Esta senhora diz-nos que os pobres no verão também se vestem; mais 500\$ da Cova de Iria que o Senhor Padre Carlos aplicou logo a uma pobre envergonhada dizendo que não nos fazia falta e realmente não têm feito. Deus é Pai e portanto ensinamos a distribuir.

Do Grupo «Os Pecados de Monte Alegre», 10\$; do Porto, 80\$+30\$+50\$+100\$, do assinante 19.003; a seguir o assinante 14.305 para o seu pobre, 40\$; entregue a um vendedor do Melhor do Mundo, 150\$; depois

M. S. P. para o seu pobre 100\$; o assinante 29.854 várias vezes 10\$, de uma Helena 50\$ e diversos anónimos, 100\$+100\$+20\$+20\$ e não sei quanto para um pobre que se chame Manuel. Finalmente das migalhas dos nossos subscritores 970\$50 e por fim 250\$ para a salvação da alma dos seus inimigos. Olhem que é por alma de inimigos, que bom não será este benfeitor dos desventurados!

Fernando Dias

## PAÇO DE SOUSA

VISITANTES. Muitos, muitos e muitos. Um nunca acabar. Todos os dias deles e mais deles. Então ao domingo fica a Casa do Gaiato a transbordar. De todos os lados. Todas as camadas sociais. Todos os credos. Todos querem ver, sentir e apalpar o que há de belo nesta mansão de Paz. Todos fazem bem aos outros, sendo em primeiro de tudo a si próprios!

DESPORTO. O G. D. da Casa do Gaiato anda muito por baixo. Com a constante saída de elementos, tem quebrado o ritmo. Depois, temos de contar com a boa vontade de todos, sem a qual nada se pode fazer.

Nada de desanimar, pois cremos firmemente que num futuro próximo e depois de aturados treinos, devemos tirar os proveitos necessários, tanto no conjunto, como no aspecto técnico das cinco equipas que periodicamente treinam.

Vamos a isto que é nosso!

QUIM PEQUENO! Anda muito triste ultimamente. Dá-nos a impressão e parece que já reparamos em qualquer coisa, que anda a olhar para a sombra! Os primeiros Amores. As primeiras ilusões. A malta já começou a entrar com ele, mas não adianta nada...

CANDIDO. Na altura em que o nosso Jornal andar circulando pelas ruas já deve ter dado o grande passo — o seu casamento. Seguirá para a Casa do Tojal, onde será o chefe da nova Tipografia. Anda muito contente e já diz que o Grupo do Tojal vai bater o de Paço de Sousa e a sua Tipografia fazer concorrência a esta. Nós dizemos que não, pois o trabalho chega para todos. É ou não, Amigos leitores?

Não te esqueças portanto do C.º Pereira, da sua Tipografia, que ele espera seja a melhor dos arredores e também da nossa.

Trabalho, trabalho, todo e variado

que ele lá estará para as curvas, nem que seja a 100 à hora!...

CAMPANHA! Continuamos em pé de guerra e não haverá mais paz enquanto não atingirmos nossos objectivos!

Cinquenta mil! Já estivemos mais longe. Vamos a ver. Ainda nem todos falaram. Vá, digam coisas...

SNR. SEIXAS! É pois. É ele todo. Volta e meia cá temos a sua visita. Está enamorado da Obra e já não pode faltar. Está contaminado!

— Sr. Manuel Seixas, a máquina está maneta!

— Ai sim. A gente pisca-lhe o olho que ela toda se desvanece!

— E se se torna vaidosa?

— Não há perigo, pois o ferro fundido parte com facilidade.

Sempre com um sorriso nos lábios, com palavras de incitamento, aí o temos no meio de nós com imensa alegria!

VOZ DOS RIDÍCULOS. Falamos com o seu director, Senhor João Manuel, um dos Amigos de primeira linha e qualquer dia, aí temos o famoso conjunto humorístico. As rendas ao Senhorio, dias tristes de denso nevoeiro, más horas, nessa altura vão para trás das costas.

O abraço que nos deu já foi transmitido aos admiradores cá do sítio que continuam a sintonizar pelas 1,30 horas da tarde, «A Voz dos Ridículos». Cumprimentos para Mena Matos, Ferreira da Cunha, Alberto Caldeira, Sr. Júlio Silva e todo o mundo...

AMIZADE! Da pura. De todos os lados desta terra portuguesa. Todas as flores se debruçam para a «Obra da Rua» levando, com sua pureza, belo aroma, a um mundo diferente.

Cá temos o Senhor Manuel Sanches, ora em Lisboa, Senhora D. Ana, Sr. Silva, Sr. Dr. Agostinho Moutinho, Sr. Dr. Vila Real que já há muito se naturalizou no nosso mundo e compreende muito bem nossa linguagem. Cá está o Sr. Rui, Paulo e toda a família Cunha, Sr. Dr. Ferreira Coelho... E mais e mais e mais, como diria Pai Américo!

O Zé da Nela hoje não teve merenda. Motivo: foi aos pêssegos. Trazia os bolsos cheios, os colegas deram fé do *barulho* e toca a dar-lhe dieta A!...

Bem refilou, mas não lhe adiantou nada.

— Queres merenda?

— E tu, meu palerma?!

— Afia o dente menino...

ZÉ EDUARDO. Está entre nós, na Casa do Bairro e juntamente com sua esposa, a passar férias, o antigo colega José Eduardo.

Hoje é o Senhor Lopes do Banco, como lhe chama e ele gosta.

Estamos muito contentes por o ver junto de nós e que tire muito proveito deste merecido repouso, preparando-se melhor para enfrentar a dureza de mais um ano de labuta.

Mais nada, a não ser os cumprimentos do

Feio

## Da que nós necessitamos

Três notas de cem, ainda fresquinhas, do Curso Médico de 1910-1915 e mais uma de 50. «Só agora Amo a Obra e por uma grande alegria na família mando-lhe 20\$». Isto é caridade cristã. Mais três de 50. Roupas e calçado de Tete, África. Mais 100\$ em acção de graças. Migalhas do Grupo Bem-fazer da Sé, que nos visitou e deixou 102\$50. Duas de 50, do Porto e um fatinho para um António de um outro António, por ficar bem no exame. Prometeu voltar. Mais 50 de Santo Tirso e 325\$ de Leiria. Mais cem de uma anónima e mais um fatinho completo pelo bom êxito no exame do filho.

Para os Pobres do Barredo,

100\$ de uma Mãe que os tem como filhos e metade de Ilhavo. Veio o do costume de Vale de Figueira. Outra vez 50 de Ilhavo em acção de graças e outro tanto de R. P. O Barredo tem amigos na Beira. «Aí vão 100\$. Lembrome tanto e tanto dele!» Caldas da Saúde quis brindar-nos com umas dúzias de lenços. Bem haja. Uma Maria, de tão apaixonada pela Obra da Rua, não resiste e manda 1.000\$ e não queria mandar só dinheiro. «Querida antes, que soubesse que existe mais uma pessoa a viver os problemas de toda a Obra, a rezar por Ela e Amá-la». Aqueles mil redobram de valor perante a legenda que os acompanha. Mais 50 de «meu ordenado». Notas de 20 e 50 de

# Agora

O que poupa ao tabaco 20\$. E o Pessoal da HICA com 2.043\$80 mais 2.104\$80. Outro Pessoal: o do Grémio da Panificação. M. A. M., de Espinho, com 100\$. O mesmo do Funchal «para o que necessitarem». Metade da Mariazinha e Artur... E mais 200\$ que vêm perfazer a conta de 3.500\$, com «desejos de muita saúde e alegria».

E muitos outros que costumavam aparecer por aqui deram agora a sua devoção mensal à Campanha dos 30.000 X 20\$. Não faz mal: lá os encontramos. De resto todas as procissões que «O Gaiato» lança são em louvor do mesmo Senhor. Vão por aqui ou por ali..., o Princípio e o Fim, é o mesmo para todos.

Um aumento de ordenado. Um só, desta vez, que o tempo é de férias, não de aumentos. São 450\$.

Surge o grupo dos anónimos. Anónimos nas línguas dos homens, porque as legendas com que se assinam pertencem a uma linguagem universal, divina, chamada Caridade.

É «uma Mãe, a quem Deus quis chamar o único filho, mas seja feita a Sua vontade e não a nossa», com 50\$. É outra «que pede orações», com dez vezes mais. É outra «Mãe», de Lisboa que manda 20\$ mensais e mais prós Pobres do Barredo tantas vezes 5\$ quantos os meses do seu filho. Ele vai prós 36. Quinhentos de «uma próxima assinante».

Hoje é a procissão das Mães. «Mãe infeliz que nada tem para os seus» teve 50\$ para uma modesta pedrinha e tem o seu coração cheio de bons desejos! «Deus permita e me dê oportunidade para poder dar mais vezes e maior quantia».

toda a parte. De um Pai que tem Fé, mas não pratica, outra de Nampula, mais outra do Porto e dez vezes mais do curso médico de 1934. Mais para o Barredo e 140\$ no Espelho da Moda. 200\$ do aumento de ordenado.

«Dentro de breves dias conto ser pai do meu primeiro filho e é por ele que vos envio este dinheiro. Reze por intenção dele e que eu e minha mulher sejamos dignos pais dele». Que linda preparação da paternidade! Não pede riqueza nem o bem estar material. Apenas que tenha «consciência puramente cristã».

Mais prestações de aumentos de ordenado. De Braga, recordando o dia 16 de Julho, 500\$ e 200\$ para o que for mais necessário. Mensalidades de Março a Junho e 100\$ para roupas dos Pobres do Barredo. Mais recordações do dia 16 de Julho. 100+ +150 do Porto+50 de S. João da Madeira e mais 20 de Vila do Conde pelo seu primeiro dia de trabalho. 100\$ que um Anónimo prometeu tirar do seu primeiro ordenado. O pessoal da Mobil Oil não falta com os 53\$50. Paremos um instante e oicamos este testemunho de Fé: «Nunca mandei nada, embora desejasse mandar imenso. A vida teve as suas dificuldades. Todavia, como presentemente me sinto mais atra-

E mais 20\$ e mais 100\$ e outro tanto «por meu filho ter passado o ano».

Finalmente 500\$ do Pessoal dos Serviços Médicos Sociais, Posto 3, de Lisboa.

Dobra a curva o pendão dos que juntam esforços para a construção de uma casa sob a mesma invocação; para a Casa de N. S.ª do Carmo, 20\$. 50\$ para a «de N. S.ª de Lurdes». E 140\$ dos seminaristas da Figueira da Foz para a «Casa dos Seminaristas». E fecha «um grupo de funcionários (modestos na sua quase totalidade) dos Serviços Centrais do Ministério das Corporações». Juntam hoje 1.500\$. «mais algumas pedras pacientemente (e também dolorosamente) carreadas, ainda do tempo do nosso Pai Américo (...). Com a remessa de agora ficamos nos 8.500\$. É pouco e lento — mas quero crer que aos olhos de Deus (e agora também aos de Pai Américo) os números serão já bem maiores do que estes, porque contados os sacrifícios que muitas das pequenas contribuições representam».

No fim, o grupo mais numeroso: os das casas a prestações.

Lisboa com 200\$, «5.ª e 6.ª prestação que Deus me ajude a levar ao fim». O assinante 6.790. Duzentos de Junho e outros de Julho para a «Casa dos nossos Avós». A esta assinante aproveitamos comunicar que o Carlos Manuel, de Vila Moreira está rijo e fero e já perdeu o costume de fugir. Duas vezes 100 da Maria e do Manuel. O mesmo de Helena, mais os 50\$ do costume para o seu Pobre. A 9.ª prestação do casal assinante n.º 28.562. Mil da «Casa Visitação». O mesmo de M. M.-A. L. Dez vezes menos da «Casa Avó Ema».

palhado, mando 50\$. Ó Fé! «Os dois amargurados» vêm como de costume.

Fala um mecânico dos Telefones do Porto. Manda 500\$ «pela subida de categoria. Não chega. Voltarei!» Duas de cem no Espelho da Moda, para os doentes. Outra vez 500\$ de uma «simples» anónima.

Mais Fé. Mais Caridade. «Envio 50\$ para os Pobres do Barredo e que Deus me dê cada vez mais vontade de dar». «Venho trazer-lhe 500\$. Peço a Deus que me dê saúde para ganhar mais e poder realizar o meu desejo de sempre: ajudar os que precisam». Os 20 e 50 de todos os meses. Desobriga pelo começo de férias — 200\$. Mais 200 para os Pobres do Barredo.

O Pessoal da Fábrica de Tabacos do Porto veio até nós como de costume. Vem agradecer e vem pedir. Agradecer por ainda terem trabalho e pedir ao Pai Américo que interceda junto do Pai Celeste para que «os superiores interesses do capital não levem de vencida as justas aspirações do trabalhador que mais não pede do que poder assegurar honradamente o direito de subsistência para todos os seus».

Que sejam ouvidos.

PADRE MANUEL ANTÓNIO

O do «plano decenal», duas vezes e o mesmo da «Casa Lar de Nazaré» (plano à mercê de Deus).

Outra que adere ao «plano decenal»:

«Se for da vontade de Jesus Nosso Senhor ajudar-me ajudando o meu marido, eis o princípio de uma casa, pelo plano decenal, pois pedir maior ajuda a Nosso Senhor já será pedir muito.

Nem assim podemos, mas eu confio e espero.

A vós, Senhores Padres, peço também a caridade de uma oração para que Nosso Senhor acuda às nossas tão prementes aflições».

A 1.ª e 2.ª pedra de 1.000\$ cada para a «Casa de Minha Mãe». Que momentos de saudade tão cristãos! Vai a gente aos cemitérios e são casas esplendorosas para albergar «pó». O Património abriga almas.

De Luanda, a 1.ª de 600\$ para a «Casa do José». A 5.ª e 6.ª para a «Casa da Ana e do João». A «do António e do Fernando»



Agora, são casinhas novas em substituição das barracas que rebaixam o homem à condição de animal; porque não vive, vegeta!

fica já em 4.400\$. A «Casa dos Grilos» subiu uma pedra de 500\$. O Pessoal dos C. T. T. da Estação Central do Porto passou a meta e só parou 374\$ adiante. «Um leitor» mandou 200\$ por Maio e Junho e a sua «contacorrente», coisa que sempre faz muito jeito para acerto das nossas pobres contas.

E esta carta:

«Tenho à minha frente «O Famoso» e, ao lê-lo não pude conter uma lágrima de contentamento.

Sim, ainda há «Homens» mas são tão poucos!

Ainda em vida do Pai Américo enviei meia casa, pensando em mandar a outra meia.

Não o têm permitido as circunstâncias, mas ao ler o nosso Jornal não me contive e «seja o que Deus quiser».

Do pouco que mando é para ir subindo a «Casa das minhas filhas».

Deite-me a sua benção e agradeço que nada diga no Famoso.

Peço-lhe uma oração para que Deus Nosso Senhor me ampare nas horas amargas, que tantas são».

## FÉRIAS FORÇADAS EM ORDINS

«Li no Famoso de 2 de Maio Férias forçadas em Ordins o pedido de sugestões para atenuar os males dessa terra. Realmente, é quase humanamente impossível poder manter-se a ponto de prover às necessidades e subsistência dum povo, por mais pequena que a freguesia seja, uma indústria tão caseira e maneirinha.

Afinal, pelo que observo pela leitura de Ordins, ela mantem-se apenas à custa de encomendas caridosas. Ora a poder de tempo tudo acaba por cansar neste pobre mundo, até mesmo a caridade que muitas vezes infelizmente não passa de entusiasmo momentâneo e também pessoas há, que, não obstante a sua boa vontade não estão em boas condições materiais de poderem fazer muitas vezes o sacrifício do que lhes faz falta.

Lembrei-me, pois, do seguinte, isto para raparigas. Alguém competente e de boa vontade quer organizar uma espécie de escola doméstica e como a crise de falta de criadas de servir é cada vez maior não faltaria onde empregá-las. Podiam até entrar em comunicação com a Casa de Santa Zita, aqui no Porto e com facilidade se empregariam em boas casas, que lutam imenso com falta de pessoal, rapariguinhas de 13 ou 14 anos para cima. Existe defesa e protecção para todas as classes e ainda ninguém se lembrou das pobres donas de casa que são umas vítimas não só da falta de pessoal, como de pessoal idóneo.

Chega a ser uma tortura o que se passou com o pessoal. As melhores criadas de agora são as péssimas de outros tempos. A

dona de casa leva uma vida extenuante e amargurada, tem de fechar os olhos e tapar os ouvidos afim—de conservar uma criada. É um verdadeiro pavor o que se sofre, a arrogância com que elas tratam as senhoras, a ingratidão com que lhes retribuem certas delicadezas, a caridade com que as tratam nas doenças: o muito que lhes pagam mensalmente acaba por tornar vexatória a situação da dona de casa perante o pessoal. Raparigas que nada, ou quase nada sabem, têm o descaramento de pedirem 200 escudos e mais por mês. Depois, se souberem economizar, mas só pensam em gastá-lo mal gasto.

Todos estes males e inconvenientes, julgo eu, são provenientes da falta de criadas, e daí todos estes abusos. Por tudo isto julgo eu Ordins beneficiaria com o des congestionamento de raparigas nas condições que expus; as mulheres, tendo já a sua família, não podem abandonar a terra. Ordins seria beneficiado e prestaria também grande benefício à causa das pobres donas de casa, às quais tenho ouvido frases como esta: «sou muito feliz com meus filhos e meu marido, mas acabou-me a cruz de suportar criadas».

Esta carta vem do Porto e subscreve-a «Uma pobre de Cristo». Já não é a primeira vez que o problema é posto a Ordins, não, porém, com a nitidez de agora.

Daí estas duas linhas de comentário.

Este meio é pequeno. Não soma 500 almas. Quando para aqui vim, impressionou-me a sua pobreza e costumes descaídos. Vi

nestes uma consequência daquela. Lançou-se mão às que viviam na miséria material e moral. Para elas criaram-se em especial os «Chales de Ordins», procurando-se regenerar, amparar, elevar e educar a mulher pelo trabalho. Este movimento artesanal visava um grupo determinado de famílias, cujas filhas não podiam, ou não deviam, ou não queriam ir servir. Em Ordins, tão raras são as que, cada ano, abandonam a sua terra para servir, que, pelo seu número tão diminuto, impossível seria tentar-se criar uma escola doméstica. Mais fácil, sim, encaminhá-las para as Casas de Santa Zita. Não obstante, porém, todos os meus cuidados e esclarecimentos, até hoje creio não consegui nenhuma de Ordins que se inscrevesse em obra tão meritória e de tão grande alcance social. O que não consegui devem tentá-lo as donas de casa, a bem de si mesmas e de suas criadas.

Infelizmente não há só más criadas, mas, pior que isso há casas que as deseducam e pervertem. Não respeitam a liberdade, impedindo-as do cumprimento dos deveres religiosos, nem a sua condição humana sobrecarregando-as de trabalho, não podendo habitualmente descansar o suficiente, durante a noite. Tenho valido a algumas que regressam doentes.

Quanto a economizar, nem todas pensam no futuro. Pensam, sim, em seguir os exemplos que as rodeiam: coleccionar vestidos. Algumas compram oiro e testemunham terem sido as senhoras que assim as aconselharam, pois,

continua na página quatro

# DOCTRINA

CONTINUAÇÃO DA PAGINA UM

natureza, são reduzidos à escala e ao comércio dos valores materiais e operados com estes como se fossem grandes da mesma espécie. É a profanação do sagrado, porque a humanidade foi ungida por Deus em Cristo, o Filho do homem.

Mas, nem considerações de alta espiritualidade são precisas. Bastaria que os homens responsáveis pela condução das empresas e das sociedades não desincarnassem os factores humanos, que lhes aparecem à maneira de constantes, na análise dos seus problemas de economia e de finanças. Bastaria que agissem, relativamente àqueles factores humanos dos outros que entram no jogo das suas empresas, com o mesmo critério com que actuam a respeito de factores semelhantes quando são privadamente os seus.

Exemplo: Uma empresa ganhou muito dinheiro. Condições novas de exploração tornam o presente menos próspero, ao que parece. Há que refazer o equipamento. Estuda-se a tática a adoptar, ao modo de um problema de máximos e mínimos: mínimas despesas para receitas máximas. O objectivo é normal e razoável. Toda a empresa se constitua para ganhar. (Para ganhar, entenda-se: fazendo ganhar a um grupo muito mais numeroso do que o pequeno da sua Administração. O enriquecimento proveniente da laboração da empresa deve ter repercussões, pelo menos, à escala nacional).

Ora bem. Na discussão daquele problema de máximos e mínimos, entram factores humanos, e estes constantes: a necessidade e o direito ao sustento daquele pessoal, que ajudado a ganhar muito dinheiro em dias mais fáceis. Se a análise do problema elimina a consideração destes parâmetros, a análise torna-se imoral. Toda a empresa se constitui para ganhar, sim. Porém, este axioma não anula outro princípio, mais fundamental: «Os fins não justificam os meios».

Se a empresa, pois, resolve assim o seu problema, lançando na miséria, por uma omissão injuriosa, multidão de pessoas que a ajudaram a conquistar a posição, sempre próspera, que ocupa — não cria apenas um cataclismo social (em volta do qual mais ou menos se levante poeira, para evitar reacções); mina os seus próprios fundamentos; e saiba que encetou o processo da sua ruína.

Se a Administração, nestas circunstâncias, em vez de se fechar na solução material, na desumana, alegando que não pode fazer mais nada sem negar a sobrevivência da empresa, e que as consequências têm de se sofrer e não são com ela — se em vez disto, digo, a Administração — que, pessoalmente, não precisará, talvez, dos seus honorários, por via

de muitas outras administrações; se a Administração, torna a dizer, cedesse os seus honorários, e estudasse pequenas reformas internas e procedimentos temporários, a fim de criar um fundo que permitisse garantir ao Pessoal ameaçado os seus direitos e a satisfação das suas primárias necessidades?! Não estaria contribuindo muito mais para a sobrevivência e prosperidade da empresa? Ou a justiça, e mesmo a gratidão, são virtudes apenas dos indivíduos e não também das sociedades?

Mais. Não estaria contribuindo, como lhe compete, para um enriquecimento, de repercussões à escala nacional, evitando miséria e pesos mortos que vão cair sobre a Assistência Pública e privada? Não estaria contribuindo, como lhe compete, também, para a Paz, aquela «tranquilidade na ordem» que deve resultar, espontânea, da satisfação dos direitos de todos e de cada um? (que a ordem pode impôr-se, mas a tranquilidade não!)

Este é o exemplo ilustrativo da lição. A doutrina disse-a Padre Manuel António. E eu acrescento, só, que assim como os indivíduos e as famílias, também as sociedades em geral e as empresas económicas em particular, têm direito às bênçãos de Deus, se prezarem mais do que as Leis da Ciência Financeira, as Leis da Justiça e do Amor.

Pena é que as empresas se asperjam tantas vezes de água benta, sem verdadeiramente desejarem nem procurarem a bênção de Deus!

## Férias forçadas em Ordnis

continuação da página três

«quando doentes têm ali o seu dinheiro». Mau negócio e mau conselho.

Sobre a carência de criadas, já nem quero falar das casas, que pela abundância de serviços — uma ou mais para cada serviço — medem a sua honra, dignidade, distinção e riqueza. Depois hão-de faltar noutros lares.

Hoje as meninas vão para o Liceu aprender a cozinhar, quando suas avós o fizeram ao pé de suas mães. Bom seria que as senhoras repartissem certas tarefas pelos filhos, ensinando-os a trabalhar e ser humildes. Ganhariam todos no lar. O trabalho é escola de virtudes.

Dizem mais as criadas que, a-bem-de todos, têm as senhoras de modestia cristã no vestir. Quem dirá, pelo que se vê, que não têm carradas de razão?

O lar é um santuário. Quando não o é, ninguém se entende.

Padre Aires

Visado pela  
Comissão de Censura



Pintainhos. Mais cuidados para o Senhor Padre Carlos. Aqui estão com seu doce piar, uma das mais belas canções da nossa aldeia e belo cartaz de turismo!

CHEGARA na véspera de Caldelas. Aquela manhã, 4 de Agosto, houve Missa de comunidade. O Filinto veio ter comigo à sacristia. De pequenito que é, abraçou-se-me às pernas e mostrou-me: «Olhe!...» Era a sua bola.

Aqui há tempo eu apanhara aquela bola nos pés de outro, que a jogava fora do lugar marcado... e confisquei. Passados dias, Filinto vem reclamar a sua bola. Eu tinha muitas. Não sabia qual a dele. Também não queria que ele soubesse o segredo do meu «cofre» das bolas... Deixei-o, pois, fora da porta. Mostrei-lhe várias, algumas melhores, mesmo. Mas ele queria a sua. Quando acertei, os seus olhinhos brilharam de alegria. Tudo isto... Já lá vão dois meses.

Pois agora, no meu regresso de Termas, Filinto quis-me significar o seu afecto e não achou melhor do que mostrar-me o seu tesouro: «Olhe!...» E eu olhei; e fiz festa por a bola ainda durar. E ele foi-se, risonho, para a Capela, depois de a ter poisado em cima da roupa de altar, muito alva e muito lisa, que eu havia de vestir para a celebração.

«GIRAFAS» — perdão! —, o Sr. Sousa Santos, esteve umas semanas no Porto. Andava muito empenhado em um emprego; arranjou-se-lhe um; e ele veio a acabar na concordância com o que lhe havíamos dito: Que é muito melhor um ofício (ele é alfaiate) a que se dê o nosso melhor esforço, para que ele retribua em nosso benefício.

Pois bem!, enquanto na Invicta, «Girafas» foi a um desafio às Antas. Creio que nunca tinha ido. Ou, então, nunca fôra em dia tumultuoso de entusiasmo ou de tristeza — não sei... Sei que naquela tarde o público lançou ao campo as almo-

das! E «Girafas», um tanto indignado pelo desperdício, resolveu que nem tudo o fosse. E vai daí... antes de retirar, desce ao campo, pega em duas almofadas e segue, perdido na multidão, a caminho do Lar.

O que lá foi quando ele chegou e contou das suas impressões e do seu feito,

de o ser, «sob condições».

Bonifácio e Senhora D. Aurea foram os padrinhos. Eu dei-lhe um grande abraço, a sorver a Graça deste provável «cristão novo». O pior é termos tido aqui tantos anos um chefe maior-pagão!

Cândido casa dia 13 e vai para o Tojal abrir e dirigir



## VISTAS DE DENTRO

não queiram os Senhores saber!

O que ele se não descobriu sobre o que disse e lhe disseram, quando voltou às Antas, a retribuir as almo-

ESTA também foi no Lar. Que pena não haver lá uma máquina fotográfica!... Eu não sei dizer como ela seria capaz, na muda eloquência de um retrato.

No Lar existe um cão, que ali entrou em pequenito pela mão clandestina de um dos nossos. «Beke» cresceu e é irrequieto.

Pois há dias deram pró Lar um cabritinho muito lindo. Andava por lá à solta, no terreiro, como todo o ser vivente em nossas casas.

Esperava-se da irrequietude do «Beke» desalinho!... Pois os Senhores haviam de ver como cão e cabrito confraternizavam em bom entendimento!

É pena que no Lar não tenhamos pastagem. Senão... eu teria conservado o cabrito, só pela lição de fraternidade que ele e «Beke» nos davam.

CÂNDIDO acaba de chegar da nossa Paroquia. O processo pró casamento veio revelar-nos que era improvável que fosse baptizado e ele regressa agora mesmo

a Tipografia daquela nossa casa. Ana esteve aqui há pouco a juntar vasos de flores, a outras pequenas bagagens que a nossa furgoneta há-de transportar. Estão ambos em grande azáfama. Aqui em casa cresce a embalagem de máquinas e todo o material que há-de mobilar a Tipografia de lá. O mais nervoso de todos é o Daniel. Ele foi o mais difícil de aturar: «Então quando é que o Cândido casa». Enquanto se não marcou data, o que eu passei! Por isso é ele o mais nervoso.

Dia 9 começa o Retiro. Cândido e Ana prepararão o seu grande dia em retiro simultâneo e, em parte, conjunto. Esperamos um lar cristão.

E os Senhores não se esqueçam, que eles têm a casa ainda muito nua!

TEM sido a extracção das batatas. Antes das da Casa, são, em regra, as dos quintais deles, aqui muito falados por diversas razões e oportunidades.

O Neca, outrora da rouparia e agora ilustre carpinteiro, é dos «proprietários» mais importantes cá da aldeia.

Um domingo destes, após a colheita, deu-se-lhes o destino. Neca convidou os amigos e, à merenda, foram

batatas e cebolas e vagens e mais uns pedacitos de bacalhau que ele teve artes e manhas de acaçar à Senhora, sem falar no preço do azeite!

Eu também fui convidado. Fui e aceitei.

A Casa cheia de gente, como todos os domingos desde que os dias crescem. Visitantes ao postigo que dá pró refeitório. Rapazes à janela da copa, afeitos por não participarem no banquete! Eu estava ali entre dois fogos, algo comprometido. Mas as batatas, as vagens, as cebolas do quintal do Neca, mai-lo seu convite, compensaram.

NA ausência do Júlio, a Mulher e o filho têm estado connosco. O Américo vinha muito pálido e sossegadinho, mas aqui, por contágio, tem-se tornado um garotão. Palra muito, já, e anda por aí, à solta, feito rapaz, — não menino — e até agora ainda só esmurrrou a testa uma vez.

O que ele vai daqui é

mal educado, porque todos lhe pegam e o amimam e lhe dão de comer, por mais que eu ralhe. O certo é que antes a hora da refeição era uma hora de canseiras para a Mãe. Agora não é preciso insistir: Colher atrás de colher, ele despeja o prato que é um ai.

Eu fico tão contente de ver assim medrar nesta vida tão simples, tão chegada à natureza, que até tenho medo que ele se estranee no regresso à casa de seus Pais.

PADRE Manuel António que é muito competente Mestre de lavoura, é também o protector dos desportos cá da Casa. Ora a última palavra em jogos tem sido a «malha». E quando uma moda pega cá no burgo, pega por todos os cantos.

Padre Manuel, pois, aderiu à malha. E, todos os dias, à sobremesa do almoço, em vez de ir descansar um pouco, como eu tanto queria, que até tenho vergonha de magro que ele está, — não senhor, vai jogar à malha para entre o salão-novo e as oficinas e ali fica até que a sineta chame pró trabalho.

Ora eu passei ali há dias e ralhei. E disse que havia de o denunciar. «Palavra de rei!...»

## «Se o pai de família soubesse...»

Se ele soubesse da hora do ladrão..., vigiaria! E porque não sabe, se é prudente e cuidadoso da sua casa, não adormece sem se prevenir.

Assim a morte. Pode prevenir-se... Às vezes, porém, surge de surpresa.

Já alguns filhos nossos Deus tem vindo buscar. Sempre, porém, foram assistidos. Previra-se o fim e prevenira-se com os recursos da Sua misericórdia.

Com o Bernardino não foi desta sorte. O tank de guerra seguia serenamente o seu caminho, quando se despistou,

se despenhou e o deixou esmagado.

Segundos, apenas... Quando muito o tempo de um acto de contrição perfeita... Mais nada. O Bernardino, irradiante de juventude e simpatia, tornou-se massa informe... naquela hora que Deus conhecia de toda a eternidade, e nós não.

Profunda impressão nos ficou. Nós cremos na Vida eterna. Amamos o Pai infinitamente bom; e tememos o Senhor infinitamente justo — que dá a cada um a Sua recompensa.

O estado de graça é o pas-

saporte em ordem na definitiva passagem: Se sim, é a passagem da vida à Vida; se não, a morte é na verdade morte eterna. Eis o dilema irrecusável para todo o homem que crê na Vida eterna.

Que a hora do Bernardino tenha sido hora de graça. Imploramos ao Senhor que assim seja. E quanto a nós saboremos eficazmente a piedosa prevenção do Evangelho: «Se o Pai de Família, soubesse...». E, como não sabemos, que as portas da nossa alma se cerrem ao Devorador e guardem o tesouro, o único incorruptível, da divina Graça.